DOS MEMES À PODRIDÃO CEREBRAL A CULTURA DA EXAUSTÃO DIGITAL E A ESTÉTICA DA SATURAÇÃO

ANDRÉ PEZZOTTI

RESUMO
Este artigo explora o surgimento e a ascensão das tendências do brainrot, um desdobramento radical recente da cultura dos memes da internet. O objetivo é compreender como essa imagética altamente saturada, fragmentada e caótica reflete modos contemporâneos de percepção, subjetividade e consumo estético em uma era de hiperconectividade, colapso de atenção e algoritmos generativos. Este artigo adota um método de pesquisa qualitativa baseado em revisão bibliográfica, análise de conteúdo digital e observação crítica de obras visuais circuladas em plataformas de mídias sociais como TikTok, Instagram e Reddit. O artigo primeiramente revisa a história da cultura dos memes, em seguida explora o uso do humor como forma de crítica social e, por fim, explora o uso de imagens geradas por IA que reforçam a estética do absurdo, da ironia e do absurdo. A análise mostra que o brainrot não representa apenas um estilo visual ou tendência estética, mas também um sintoma cultural profundo de uma era caracterizada pela sobrecarga de informações, colapso cognitivo e mudança da subjetividade da máquina e do ser humano. Ao subverter as convenções tradicionais de representação e significado, a arte cerebral surge como uma nova forma de arte digital algorítmica cuja função é não transmitir informações com clareza, mas estimular o impacto sensorial e emocional no contexto da banalização da realidade. Na última análise, a conclusão é que a regularidade da arte cerebral pode ser entendida como uma imagem espelhada distorcida do próprio ambiente contemporâneo: sobrecarregado, superestimulado e em constante mudança.

PALAVRAS-CHAVE: Memes; Cultura digital; Brainrot; Algoritmos; Arte gerada por IA.

ABSTRACT: This article explores the emergence and rise of brainrot trends, a recent radical offshoot of internet meme culture. The goal is to understand how this highly saturated, fragmented, and chaotic imagery reflects contemporary modes of perception, subjectivity, and aesthetic consumption in an era of hyperconnectivity, attention span collapse, and generative algorithms. This article adopts a qualitative research method based on a literature review, digital content analysis, and critical observation of visual works circulated on social media platforms such as TikTok, Instagram, and Reddit. The article first reviews the history of meme culture, then explores the use of humor as a form of social critique, and finally explores the use of AI-generated images that reinforce the aesthetics of absurdity, irony, and the absurd. The analysis shows that brainrot represents not simply a visual style or aesthetic trend, but also a profound cultural symptom of an era characterized by information overload, cognitive collapse, and the shift in subjectivity between machine and human. By subverting traditional conventions of representation and meaning, brain art emerges as a new form of algorithmic digital art whose function is not to convey information clearly, but to stimulate sensory and emotional impact in the context of the banalization of reality. Ultimately, the conclusion is that the regularity of brain art can be understood as a distorted mirror image of the contemporary environment itself: overloaded, overstimulated, and constantly changing.

KEY-WORDS: Memes; Digital culture; Brainrot; Algorithms; AI-generated art.

INTRODUÇÃO

A cultura digital contemporânea é marcada pela velocidade, pelo excesso e pela constante reinvenção estética. Nesse contexto, os memes emergiram como uma das formas mais dinâmicas e democráticas de expressão cultural e política. No entanto, um novo fenômeno nas mídias sociais vem chamando a atenção: os "brainrots". Diferentemente dos memes tradicionais, as características estéticas dessas imagens são saturação extrema, camadas visuais sobrepostas, inci-

dentes, ruídos, frases soltas e perturbações fragmentadas. Frequentemente geradas por inteligência artificial, os "brainrots" propõem uma nova lógica de comunicação: não um conteúdo lógico ou humor simples, mas sobrecarga sensorial, ironia metacontextual e até mesmo intolerância.
Este artigo analisa criticamente essas características, refletindo sobre o que os "brainrots" revelam sobre a subjetividade contemporânea, o papel das plataformas digitais e a forma como vivenciamos a arte e a comunicação na era da informação. Este estudo abrange os campos da estética, teoria da mídia, cultura digital e arte algorítmica.

DESENVOLVIMENTO
A história dos Memes: função e transformação.
Origem e conceito
O termo "meme" foi cunhado pela primeira vez pelo biólogo evolucionista Richard Dawkins em 1976, no Capítulo 11 de seu livro "O Gene Egoísta", como uma analogia cultural aos genes biológicos. Na visão de Dawkins, um meme é uma "unidade de informação cultural" que é replicada e disseminada entre indivíduos por meio de imitação, reprodução e transmissão simbólica, assim como os genes são transmitidos por herança biológica. De acordo com a definição original, exemplos clássicos de memes incluem imagens, ideias religiosas, modas de vestuário e técnicas arquitetônicas, todos os quais evoluem culturalmente por meio de mutação e seleção natural simbólica. A perspectiva darwiniana de Dawkins entende os memes como elementos independentes que competem pelo espaço na mente humana, sendo mais atraentes no nível "memético", reproduzindo-se, portanto, de forma mais eficaz. Com o advento da internet, e especialmente a consolidação das comunicações sociais como o principal método de comunicação digital, o conceito de meme foi redefinido e generalizado para se referir a imagens, frases, vídeos e formatos de multimídia que se espalham rapidamente entre os usuários, muitas vezes com contextos avançados diferentes, mas todos com um forte humorístico, apelo emocional ou político. Nessa nova forma, os memes não são apenas replicadores culturais, mas também produtos performáticos e participativos: cada reimpressão ou remixagem de um meme carrega suas próprias características semânticas e se adapta a um contexto social, político ou emocional específico. Os memes, portanto, não apenas refletem padrões culturais, mas também os moldam, atuando como ferramentas de contestação simbólica em espaços digitais. Seu poder reside em sua economia de comunicação: os memes condensam ideias complexas em formas simples, facilmente compreendidas e reconhecíveis. A estrutura visual dos memes (geralmente imagens com texto sobreposto) facilita o impacto imediato e melhora a memória. Memes são mais do que apenas "piadas da internet"; são formas contemporâneas de linguagem simbólica e discurso social que podem estimular o engajamento emocional, a crítica política, a mobilização identitária e até mesmo a manipulação ideológica. Os memes transitam entre a banalidade e a crítica, entre o absurdo e o discurso sofisticado, muitas vezes rompendo com as classificações artísticas ou midiáticas tradicionais. Além disso, os memes têm uma função dialógica: são criados online, exigem conhecimento prévio para serem compreendidos (referencialidade) ativos em uma comunidade interpretativa, uma comunidade que interpreta, compartilha e modifica conteúdo de forma colaborativa. Essa propriedade aproxima-se dos memes de práticas culturais antigas, como tradições orais e provérbios populares, ao mesmo tempo que os integram às lógicas tecno culturais da viralidade, dos algoritmos e do big data.
De uma perspectiva social, os memes podem operar de forma paradoxal: são tanto ferramentas de resistência quanto meios de alienação. Se empregados de forma crítica e estratégica, podem desestabilizar discursos hegemônicos, denunciar abusos de poder ou fortalecer agendas identitárias. Por outro lado, capturados por discursos autoritários, plataformas comerciais ou bolhas de desinformação, os memes podem promover notícias falsas, reforçar estereótipos e transformar debates complexos em slogans clínicos e superficialidade viral. Essa ambiguidade torna os memes particularmente importan-

tes para analisar a cultura contemporânea, descrevendo pela saturação de informações, controvérsia narrativa e exaustão emocional — temas diretamente relacionados ao surgimento dos chamados "brainrots", apresentados mais a frente.

Memes e comunicação digital

Na era das mídias sociais, os memes se tornaram uma das formas mais icônicas da comunicação digital contemporânea. Muito mais do que uma obra de humor, os memes são artistas culturais que condensam discurso, emoção, ironia e identidade em formas visuais e textuais altamente reproduzíveis. Para Limor Shifman (2013), um dos principais teóricos do específicos, os memes não são apenas produtos de entretenimento, mas formas participativas de expressão coletiva que operam sob a lógica da cultura digital, marcadas pela reprodutibilidade tecnológica, remixabilidade, divulgação em rede e velocidade.

Shifman define um meme como “um conjunto de itens digitais que reúnem características comuns em conteúdo, forma e/ou localização e são criados com a consciência uns dos outros”. Um meme, portanto, não é uma unidade isolada, mas uma estrutura em constante mudança, um “modelo” que pode ser interpretado e adaptado de acordo com o contexto social e emocional em que circula. Ela permite que indivíduos, especialmente jovens, comentem eventos, critiquem normas sociais, pratiquem políticas sátiras ou simplesmente compartilhem experiências cotidianas de forma concisa, reconhecível e bem-humorada.

Segundo Henry Jenkins (2006), no contexto da cultura convergente, os memes fazem parte da inteligência coletiva, pois todos os benefícios para a disseminação e proteção do conteúdo. Nesse sentido, os memes são uma forma de narrativa social colaborativa, na qual o público deixa de ser apenas receptor e passa a ser produtor de significado. Essa dinâmica é reforçada por plataformas como Twitter, TikTok, Instagram e Reddit, que oferecem espaço para a rápida produção, remixagem e divulgação de conteúdo.

É nesse processo que o potencial político dos memes se revela. Como apontam Milner (2016) e Miltner (2014), os memes podem tanto questionar estruturas de poder quanto reforçar discursos normativos. Por exemplo, em eventos de mobilização social de larga escala (como eleições, protestos ou epidemias), os memes servem como ferramentas de crítica e resistência, expondo contradições políticas, ridicularizando figuras públicas ou mobilizando emoções coletivas. No entanto, também podem ser explorados pela retórica conservadora, grupos de ódio ou propaganda de informações falsas. Outro aspecto importante é a economia da atenção, onde os memes atuam como “iscas cognitivas” que atraem cliques, curtidas e compartilhamentos com sua forte estimulação visual, expressão concisa e apelo emocional imediato. Segundo Geert Lovink (2019), essa lógica pode levar à saturação do conteúdo e à superficialidade dos debates, mas também abre caminho para novas criações estéticas e críticas sociais que não se conformam aos modelos tradicionais de comunicação formal. Além disso, os memes expressam uma estética única da cultura digital, caracterizada por elementos como intertextualidade, absurdo, paródia e ironia pós-moderna. Os memes frequentemente se baseiam no conhecimento prévio de referências culturais, códigos internos da comunidade ou na divulgação viral de eventos recentes. Essa “gramática memética” exige que o público seja digitalmente alfabetizado – capaz de ler, interpretar e (re)criar conteúdo em um ecossistema fluido e altamente referencial. Finalmente, os memes também são permeados por emoções. Eles servem como uma forma de expressão emocional, pertencimento e identidade. A repetição de certos formatos, caracteres ou frases (“templates”) cria um imaginário coletivo onde os usuários unem não apenas informações, mas também sentimentos, como frustração, emoção, raiva ou melancolia. Nesse ponto, os memes se tornam produtos de socialização das emoções, refletindo a mentalidade coletiva da geração conectada. Memes, portanto, não devem ser entendidos como ruído ou frivolidade, mas como linguagens complexas de comunicação digital, capazes de condensar discursos, provocar reflexão e conectar diversas subjetividades em redes.

Sua análise exige um olhar atento à relação entre mídia, cultura e poder, e permitir que eles sejam parte integrante da forma como o significado é produzido no mundo contemporâneo.

O que são Brainrots?

A aparência do brainrot representa uma das expressões mais recentes e híbridas da cultura digital contemporânea. O termo é originado de uma gíria da internet para "podridão cerebral" causado por estimulação audiovisual excessiva. Hoje, o termo foi redefinido em plataformas como TikTok, Reddit e YouTube para se referir a conteúdo audiovisual saturado, caótico e deliberadamente absurdo, frequentemente criado ou modificado por algoritmos de inteligência artificial.

Essas obras não são limitadas à estética exigida; em vez disso, são evocações repentinas de lógica, ruído, colagens de referências dissonantes e apelo sensorial extremo. São tanto uma paródia do consumo excessivo de mídia quanto uma crítica à constante superestimulação da era digital. A estética do brainrot carrega traços de niilismo digital, rompendo as fronteiras entre arte, lixo cultural e ruído informativo.

A estética do podridão cerebral pode ser entendida como uma linguagem emergente que desafia as normas tradicionais da comunicação digital e visual. Suas principais características incluem caos deliberado. Vídeos e imagens são caracterizados por sobreposições visuais, efeitos sonoros distorcidos, falhas, transições abruptas e fragmentação narrativa. O objetivo não é contar uma história consistente, mas criar um caos sensorial com colagens mesclagens digitais, é como uma montagem frenética, combinando memes, músicas, videoclipes virais, ícones da cultura pop, animações infantis, vozes sintetizadas e ruído digital. Essa prática lembra o pósmodernismo e as técnicas de amostragem cultural. Eles também utilizam a estética do erro, especificidade deliberada de imagens, alteração de som, saturação visual, pixelização e sobrecarga de efeitos especiais. O conteúdo frequentemente carece de lógica, e é esse absurdo que cria um efeito engraçado, perturbador ou hipnótico. Isso é uma aproximação do surrealismo digital e do dadaísmo reintegrado em um ambiente computacional. Muitos usuários recentes incorporam ferramentas de IA, como fala sintetizada, imagens geradas por modelos como DALL-E ou Midjourney, ou efeitos de vídeo automatizados. O uso de IA aumenta o surrealismo e a imprevisibilidade dessas obras. Além da confusão, muitas criadores de conteúdo, utilizam o emocional, entrelaçando nostalgia (personagens infantis), desconforto (trilhas sonoras perturbadoras) e ironia (fundos absurdos) para criar uma estética de "déjà vu".

O termo "brainrot" tem sido usado informalmente em comunidades online há muito tempo para descrever as consequências do consumo de conteúdo repetitivo, como séries ou memes em excesso. A partir de 2022, o conceito passou por uma transformação estética e performática, impulsionada principalmente pelo TikTok, nossos usuários começaram a editar vídeos com sobrecargas visuais e sonoras que ultrapassaram os limites do "bom gosto" e da legibilidade. O TikTok, com sua lógica de remix, filtros exagerados, trilhas sonoras distorcidas e estrutura fragmentada, foi crucial para a disseminação do "brainrot" como uma forma estética viral. Usuários em vídeos com personagens de desenhos animados como Peppa Pig, Bob Esponja e Shrek, os Monstros, acompanhados de dublagem espontânea, música frenética, distorções visuais e sobreposições de memes. Subreddits como r/SurrealMemes, r/DeepFriedMemes e r/InternetIsBeautiful, bem como canais do YouTube dedicados a conteúdo absurdo e glitch art, forneceram terreno fértil para experimentação estética e deram origem a obras de brainrot. Nessas comunidades, as obras de brainrot são vistas tanto como arte quanto como uma paródia da própria cultura da internet. Além disso, é fortemente influenciada pela estética digital inicial, como: Vaporwave que combina nostalgia, glitch art e uma crítica à lógica do capitalismo visual. Liminak Spaces: imagens de espaços vazios e impessoais que evocam uma sensação de desconforto e estranheza. Creepypasta e estética analog horror: explorações de medo e estranheza com formatos de baixa fidelidade, fitas de vídeo e simulações defeituosas. Net art e glitch art: formas de arte que exploram a estética do

fracasso e da desintegração da mídia. Esse híbrido cultural e estético acabou formando o brainrot, um novo regime de sensibilidade digital no qual a estimulação excessiva se torna expressão estética, crítica e sintoma ao mesmo tempo.

A estética algorítmica dos Brainrots: colaboração, remix e autoria fragmentada

O uso de inteligência artificial (IA) na produção de brainrots revela uma profunda mudança no papel dos criadores digitais contemporâneos. Em vez de desempenhar o papel tradicional de artista, diretamente responsável pela criação da obra, os criadores assumem o papel de curador de insumos ou programador do processo criativo. Ferramentas como DALL·E, Midjourney, Stable Diffusion e RunwayML podem gerar imagens surrealistas instantâneas, colagens estéticas e composições dissonantes que seriam difíceis ou demoradas de serem executadas manualmente. Essas plataformas operam usando redes neurais treinadas em enormes bancos de dados visuais, frequentemente o resultado é uma expressão estética híbrida marcada pela fusão entre homem e máquina. Nesses casos, a IA não é apenas uma ferramenta passiva, mas uma colaboradora estética, capaz de sugerir padrões, misturar estilos incompatíveis e produzir efeitos inesperados. Essa imprevisibilidade algorítmica confere aos brainrots uma qualidade de automação digital, semelhante à "automação da mente" buscada pelos surrealistas. O caos visual, a justaposição de elementos não relacionados e o colapso de códigos visuais familiares tornam-se, paradoxalmente, uma nova ordem estética, uma estética da desordem impulsionada por estatísticas, erros e impossibilidade. Nesse ecossistema, as noções tradicionais de autoria entram em colapso. O conceito de "deterioração cerebral" está intrinsecamente ligado aos princípios fundamentais da estética pós-moderna, como remixagem, apropriação e integração (Jameson, 1991; Hutcheon, 1989). Essas obras não são "criadas do zero", mas sim compostas por fragmentos culturais preexistentes: memes clássicos, vídeos de domínio público, clipes de desenhos animados infantis, slogans corporativos, sons sintetizados por IA, trilhas sonoras perturbadoras e ruídos de falhas. Quando esses elementos são reorganizados, perdem seu significado original e recebem novos significados, muitas vezes irônicos, absurdos ou críticos.

Brainrots e a liberação de dopamina: o prazer da surpresa e do caos

Brainrots são vídeos curtos e absurdos que apresentam elementos inesperados, cortes rápidos, efeitos sonoros distorcidos e imagens surreais. Essa estimulação ativa o sistema dopaminérgico, especialmente áreas associadas à novidade e à recompensa (como o núcleo accumbens e o córtex pré-frontal). Mesmo que o conteúdo não faça sentido lógico, o cérebro responde com certeza a conteúdos disruptivos e imprevisíveis, liberando pequenas quantidades de dopamina, um neurotransmissor associado ao prazer, à motivação e ao vício.

Assim como os vídeos curtos no TikTok ou no Reels, os brainrots são projetados para chamar a atenção imediata. A velocidade e a intensidade da estimulação ativam os chamados "circuitos dopaminérgicos", incentivando as pessoas a assistirem repetidamente e compulsivamente. Por outro lado, a densidade sensorial dos brainrots, sons sobrepostos, flashes, distorções visuais e narrativas incoerentes, podem causar sobrecarga cognitiva. Isso leva à liberação de cortisol (um hormônio do estresse) e norepinefrina, hormônios associados à atenção e ao estado de alerta. O resultado é uma superexcitação neural, e o significado da luta do cérebro para o processamento de estímulos conflitantes e frequentemente falhas em integrar. A experiência é exaustiva e viciante, produzindo um estado paradoxal de exaustão que anseia por repetição, o que se encaixa na metáfora da "deterioração cerebral". A deterioração cerebral também pode ser entendida como uma representação visual do colapso da cultura da dopamina, uma sociedade sobrecarregada com estímulos que desregulamentaram o sistema de recompensa do cérebro. Os espectadores não buscam mais significado, mas sim sensações: velocidade, ruído, exagero, rabiscos.

Esse consumo constante de estímulo máximo, ao longo do tempo, leva a:

Diminuição da sensibilidade às recompensas naturais;

Dificuldade de concentração e tédio diante de conteúdos mais lentos ou complexos;
Suscetibilidade a transtornos de atenção (como TDAH digital).
A deterioração cerebral é produto e sintoma de uma cultura que transita entre a atenção, o prazer e o colapso. Sua estética caótica reflete o funcionamento de um cérebro superestimulado, com neurotransmissores como dopamina, noradrenalina e cortisol desempenhando um papel central em como percebemos e respondemos à estimulação digital.
A relação entre arte digital viral e neuroquímica pode ser explorada mais a fundo por meio de pesquisas interdisciplinares envolvendo neurociência, psicologia da mídia e teoria cultural.
A ligação com fenômenos como intolerância religiosa.
O italiano tem uma musicalidade única, com um ritmo marcante e uma fonética que pode ser usada para criar efeitos cômicos, dramáticos ou surreais. Isso confere aos memes um tom único, tornando-os mais simples de lembrar ou fazendo-os parecerem "estranhos" para pessoas que não entendem italiano. Em quebra-cabeças italianos, a fala confusa e as expressões exageradas ou distorcidas costumam conter críticas ou sátiras relacionadas à religião, política ou cultura italianas, o que explica a origem da língua italiana nesses contextos criativos. Todavia, os sons onomatopaicos, como "Tralalero Tralalá", com frases absurdas e profanas para alguns religiosos. Inicialmente aparecem inofensivos, evoluíram para incluir linguagem vulgar e blasfêmias religiosas, muitas vezes sem que os jovens compreendam completamente seu significado, trazem escondidos um aspecto de intolerância religiosa. Dois exemplos de falas absurdas podem ser observados nos memes: Tralalero Tralalá e Bombardino Crocodilo. Em Tralalero Tralalá o meme em italiano diz: “Tralalero Tralalá, porco Dio e porco Allah. Ero con il mio fottuto figlio merdardo a giocare a fortnite quando a un punto arriva mia nonna: Ornella lecca capella” que significa: “Tralalero Tralalá, porco-Deus e porco-Allah. Eu estava jogando Fortnite com meu filho de merda quando, de repente, minha avó apareceu: 'Ornella, lambe a ponta.” Em Bombardino Crocodilo o meme diz: “Bombardino Crocodilo, un fottuto alligatore volante che vola e bombarda i bambini a Gaza e in Palestina, non crede in Allah e ama le bombe” que significa: “Bombardino Crocodilo, um jacaré voador que voa por aí bombardeando crianças em Gaza e na Palestina, não acredita em Alá e adora bombas.” Esses memes são criados usando a tecnologia de conversão de texto em fala (TTS), o que faz com que as crianças repitam frases experimentais sem compreender seu conteúdo. Isso levanta preocupações sobre a exposição precoce a linguagem imprópria e a falta de compreensão do impacto dessas expressões. Especialistas destacam que os pais devem prestar atenção ao conteúdo que seus filhos consomem online, especialmente em plataformas de mídia social, onde os memes virais se espalham rapidamente. Compreender o significado por trás dessas expressões é essencial para garantir que a exposição das crianças ao conteúdo digital seja saudável e educativa.

CONCLUSÃO

Este artigo argumenta que os memes, e em particular a estética podem, especificamente constituir um fenômeno cultural intimamente ligada à comunicação digital contemporânea, à percepção estética e às dinâmicas da subjetividade no contexto de saturação informacional e superestimulação sensorial. Partindo do conceito original de memes como unidades culturais reproduzíveis, observamos sua transformação e complexidade em ambientes digitais, tornando-os ferramentas multifacetadas de expressão, crítica e pertencimento coletivo. Ao analisar a estética podre, podemos ver claramente que essa tendência estética subverte as expectativas de significado e lógica das pessoas, adotando o caos, a fragmentação e a saturação como sua própria linguagem, subvertendo completamente os processos memé̊ticos tradicionais. O papel da inteligência artificial na geração desse conteúdo reforça uma grande mudança no papel dos criadores, construindo um modelo criativo colaborativo e fragmentado entre humanos e máquinas, e desafiando as noções tradicionais de criação artística. Além disso, a relação entre mecanismos neuroquímicos e de prazer,

surpresa e excesso (por exemplo, liberação de dopamina) deixa clara a conexão entre essas expressões culturais e os processos cognitivos contemporâneos, revelando uma cultura de estimulação constante. A presença do italiano em memes com conotações controversas e intolerantes também revela tensões sociais subjacentes, refletindo a ambiguidade e os riscos da disseminação de conteúdo viral na internet, especialmente para grupos vulneráveis. Brainrot pode, portanto, ser entendido não apenas como uma nova linguagem visual ou forma de arte digital, mas também como um sintoma complexo do tempo: uma cultura sobrecarregada de estimulação e ruído, refletindo as contradições entre prazer e exaustão, comunicação e ruído, criatividade e transtorno cognitivo na experiência contemporânea. Por fim, este estudo destaca a necessidade de pesquisas interdisciplinares que aprofundem o diálogo entre cultura digital, neurociência, estética e sociologia para compreender os múltiplos impactos dessa nova forma de expressão e consumo cultural.

REFERÊNCIAS

BLACKMORE, Susan. The Meme Machine. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Tradução de Fabrício Figueiredo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRUNNER, Cornelia; LEVY, Ellen. Neuroesthetics and New Media Art: Toward a Shared Understanding of Aesthetics and the Brain. Leonardo, v. 38, n. 3, p. 218–222, 2005. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1577259. Acesso em: 10 jul. 2025. BRUNS, Axel. Blogs, Wikipedia, Second Life, and beyond: from production to produsage. New York: Peter Lang, 2008.

DAWKINS, Richard. O gene egoísta. Tradução de Heloisa Moura. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FISCHER, Rosa. A cultura do meme: comunicação, ironia e remix na internet. Porto Alegre: Sulina, 2019.

GALLOWAY, Alexander R. The Interface Effect. Cambridge: Polity Press, 2012.

GRAHN, Jessica A.; BRENNAN, Allison. Neural mechanisms of music perception: The role of dopamine and reward. Current Opinion in Behavioral Sciences, v. 21, p. 44–48, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2018.02.002. Acesso em: 19 jun. 2025.

HUTCHEON, Linda. A poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Editora 34, 1991.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.

Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.

KAPLAN, Jonah. The TikTok Brain: Why Some Short Videos Feel Addictive.

Psychology Today, 2022. Disponível em: https://www.psychologytoday.com/us/blog/brainstorm/202203/the-tiktok-brain. Acesso em: 19 jun. 2025.

KNIGHT, Will. This TikTok trend is like surrealist Dadaism on speed. MIT Technology Review, 2023. Disponível em: https://www.technologyreview.com. Acesso em: 19 jun. 2025.

KNOBLAUCH, Heidi. Memes and the Cultural Logic of the Internet. Media, Culture & Society, v. 42, n. 6, p. 931–947, 2020. DOI: https://doi.org/10.1177/0163443719871003.

LEDOUX, Joseph. O cérebro emocional: Os misteriosos alicerces da vida emocional. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, Alexandre. Neurociência da mente e da arte: conexões entre cognição, emoção e cultura. São Paulo: Perspectiva, 2020.

MANOVICH, Lev. The Language of New Media. Cambridge: MIT Press, 2001. MILTNER,

Kate M. ‘There’s no place for lulz on LOLCats’: The role of genre, gender, and group identity in the interpretation and enjoyment of an internet meme. First Monday, v. 19, n. 8, 2014. Disponível em: https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/5391. Acesso em: 19 jun. 2025.
MONTAG, Christian; DUCHENNE, Xavier. Digital dopamine: A theoretical framework for understanding the impact of digital stimuli on the brain's reward system. Addictive Behaviors Reports, v. 11, p. 100–238, 2020.

Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.abrep.2020.100238. Acesso em: 19 jun. 2025.

MURRAY, Soraya. On Video Games: The Visual Politics of Race, Gender and Space. New York: I.B. Tauris, 2017.

PEREIRA, Lucas. Estéticas do erro: glitch, falha e ruído na cultura digital. Cadernos

Pagu, v. 58, p. 1–26, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/18094449202000580001 RIBEIRO, Gabriel. Estética do caos: brainrot, memética e cultura pós-irônica nas redes sociais. Revista Ícone, v. 27, n. 1, p. 45–65, 2024. Disponível em: https://revistaicone.org. Acesso em: 19 jun. 2025.

SHIFMAN, Limor. Memes in Digital Culture. Cambridge: MIT Press, 2013. STROMMEN LANGUAGE CLASSES. Parents shocked by Italian brainrot translations: here's what those viral chants really mean. Strømmen Language Classes, 27 maio 2025. Disponível em: https://strommeninc.com/parents-shockedby-italian-brainrot-translations-heres-what-those-viral-chants-really-mean/. Acesso em: 19 jun. 2025.

VAN OOIJEN, Ivo; LEVY, Ofer. Post-irony: theory and practice. In: European Journal of Cultural Studies, v. 25, n. 2, p. 315–330, 2022. DOI: https://doi.org/10.1177/13675494211005412

ZAK, Paul J. The Moral Molecule: How Trust Works. New York: Dutton, 2012. (Aborda o papel da oxitocina e dopamina em interações emocionais e sociais, com possíveis paralelos no consumo de conteúdo digital).